

## **A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY E A PSICOLOGIA: O “ESTILO” NA PRÁTICA CLÍNICA**

*Francisco Ezequiel Lima Araújo (Bolsista ICV), Ronald Taveira da Cruz (Orientador, Departamento de Psicologia - UFPI)*

### **Introdução**

O presente trabalho tem por escopo apresentar e discutir os conceitos merleau-pontyanos que nos ajudam a compreender a noção de estilo e/ou perspectiva, e as contribuições deste conceito para a prática clínica na abordagem fenomenológico-existencial. Para isso, parte-se da sua fenomenologia da percepção e do corpo, privilegiando os conceitos que nos auxiliam a compreender a noção de estilo e/ou perspectiva, a saber: expressividade da experiência, corpo, gesto e fala falante. Percebe-se que este conceito não vem sendo explorado significativamente, pois o que se evidenciou foi uma grande escassez de literatura acerca do mesmo, talvez por ser um conceito que se encontra nas entre linhas da obra desse autor.

Acredita-se, pois, que estaremos contribuindo no esclarecimento da rica obra desse grande filósofo e psicólogo, que tanto contribuiu para a prática clínica naquela que é designada a terceira força da Psicologia: a abordagem fenomenológico-existencial.

### **Metodologia**

Para a construção do presente trabalho, utilizou-se como método a pesquisa bibliográfica. Partiu-se da revisão de literatura por meio da leitura de textos fundamentais que norteiam à fenomenologia e de textos complementares. Realizou-se semanalmente a discussão em grupo dos textos selecionados entre orientandos e orientador, concomitantemente, foram realizadas orientações acerca do trabalho que cada discente iria desenvolver, onde nas quais eram feitas indicações de livros e artigos que viram a servir como aporte teórico para a realização deste trabalho.

### **Resultados e Discussão**

A fenomenologia, como vertente do pensamento, surge com Edmund Husserl, o qual visava à construção de um método de investigação filosófica que teria como escopo o conhecimento universal das essências. A fenomenologia husserliana adquire contornos de um idealismo transcendental onde a consciência constituiria o mundo (MOREIRA, 2011). É nesse ponto, que Maurice Merleau-Ponty surge como figura emblemática ao criticar o idealismo husserliano e propondo a sua superação por meio de uma fenomenologia da percepção, do corpo, ao contrário de uma fenomenologia da consciência constitutiva, apregoada nos escritos do primeiro Husserl.

Em sua fenomenologia Merleau-Ponty propõe o conceito de expressividade da experiência, o qual compreende como o modo “espontâneo” como nosso contato com o corpo próprio, com o mundo e com o outro estabelece significações e fenômenos (MÜLLER, 2001). A expressividade da experiência só é concebível pela existência de um corpo aberto à possibilidade de inúmeras expressões, seja ela gestual ou verbal, reproduzida ou inédita. Um corpo que faz mais do que se situar no espaço, ele o constrói. Um corpo que reproduz o já instituído, bem como o novo, por via da expressão gestual ou da fala. Merleau-Ponty restitui ao ato de falar a sua verdadeira fisionomia, e apregoa que a fala não é o “signo” do pensamento, ela e o pensamento estão imbricados um no outro, o sentido está arraigado na fala, e a fala é a existência externa do sentido. A fala assumirá, em

Merleau-Ponty, duas modalidades diferentes, a saber: uma fala falante e uma fala falada. A primeira constitui-se como uma fala de um homem anterior, primeiro, no momento em que ele ainda não sabe exatamente o que será comunicado, mas que já há uma vontade de dizer (FURLAN; BOCCHI, 2003). É por ela que emerge a possibilidade do novo. Moreira (2011) acredita que essa fala espontânea e criativa é a fala que deve ser procurada na psicoterapia, tanto pelo terapeuta como pelo paciente. Já a fala falada desempenha papel chave na comunicação social, pois é o próprio saber assentado na linguagem (FURLAN; BOCCHI, 2003).

Esse corpo existencial fala, seja se utilizando de uma referência, seja na elaboração de algo exclusivo. Ora, se esse corpo possibilita expressar o novo, gerando o que não foi dito e, tampouco, o que foi ouvido, não seria essa fala inédita um estilo de expressão? Não seria, pois, um modo único, que apodera o sujeito a afirmar que não é igual ao outro? Não é esse o estilo que cada terapeuta terá e que o distinguirá dos demais?

É Husserl o primeiro a introduzir a noção de estilo, para traduzir nossa relação original no mundo. Pois o que o pintor procura colocar no quadro, não é o exatamente o seu imediato, a própria nuance de sentir, é seu estilo próprio, e “tem tanto a conquistar sobre seus ensaios [...] como sobre a pintura dos outros ou sobre o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 70). Todavia, é Malraux e, posteriormente, Merleau-Ponty que aprofundam ainda mais esse conceito, no que se refere a esse último, trará em diversos momentos de sua obra vários indicativos do seu entendimento da noção de estilo ou perspectiva, que constituiria o jeito único que cada sujeito ver e se expressa ao se pôr no mundo. Em *Fenomenologia da Percepção* o filósofo afirma que:

[...] não é com “representações” ou com um pensamento que em primeiro lugar eu comunico, mas com um sujeito falante, com um certo *estilo* de ser e com o “mundo” que ele visa (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 249, grifo nosso).

Pode-se averiguar que não se trata de ser o modo como o sujeito falante se expressa, para muito além disso é também o modo como este mesmo sujeito concebe o mundo em seu entorno, como interpreta, como vive esse mundo. Müller (2001) irá se referir a esse modo de comunhão com o mundo como sendo uma extensão simbólica de um certo estilo de vida, de um certo forma de existir, que verificamos em vários outros comportamentos da existência humana. Concomitantemente, esse estilo compreende a manifestação silenciosa e espontânea de nossas experiências, sejam elas, afetivas, físicas e pragmáticas (MERLEAU-PONTY, 1945 apud MÜLLER, 2001). Se bem observarmos, o estilo está inevitavelmente atrelado a um modo novo de expressão, constituindo-se assim, uma fala falante, não ordinária.

Para Malraux (1965) citado por Merleau-Ponty (1974) o estilo é uma forma de recriar o mundo conforme os valores do homem que o desvenda, ou ainda, que é a demonstração de uma acepção emprestada ao mundo. Para Merleau-Ponty quando o estilo “está no trabalho, o pintor não sabe nada da antítese do homem e do mundo, das significações e do absurdo” (MERLEAU-PONTY, 1974, p. 72), uma vez que o homem e seus possíveis significados se “desenharam sobre o fundo do mundo, justamente pela operação do estilo” (MERLEAU-PONTY).

Uma vez compreendido a noção de estilo na obra de Merleau-Ponty, cabe agora indagarmos: afinal, quais seriam as contribuições que este conceito poderia fomentar na prática clínica na abordagem fenomenológico-existencial?

Primeiramente, se partimos de uma abordagem holística que visa situar o sujeito em seu ambiente, e na qual se atribui a ele todas as suas possibilidades de expressão, seja pela via verbal ou gestual, também devemos nós terapeutas conceber que esse sujeito terá seu estilo próprio durante uma entrevista inicial, uma sessão terapêutica, ou em uma avaliação psicológica, procurando, assim, compreender e assegurar que o cliente esteja ali como ele realmente é. Devemos, pois, afirmar que estamos ali para escutá-lo, na medida em que, emergimos enquanto profissionais, para fazer a escuta daqueles que não tem mais voz em uma sociedade imediatista, consumista e, sobretudo, excludente.

Segundo, é de nós terapeutas o imperativo de resgatar e fazer manifesta a fala falante, pois é na mesma que emergem novas possibilidades de significação, que levarão nosso cliente a descobrir e se utilizar da gama de possibilidades que ele enquanto sujeito falante tem de trilhar novos caminhos.

### **Conclusão**

Conclui-se, que o pensamento merleau-pontyano nos propicia a apreensão de um olhar crítico com relação às teorias e práticas no âmbito da psicologia, fomentando assim, a construção de uma prática clínica pautada na ética e sob um olhar crítico, que proporcione o ser expressar-se como tal. Afinal, seu estilo, sua fala devem ser respeitados e, sobretudo, ouvidos como forma de gerar novas significações que conduzirão nosso trabalho e que, para o cliente, representam a possibilidade de alcançar o objetivo que o leva quando procura um terapeuta.

**Apoio:** Ufpi

### **Referências**

AMATUZZI, M. M. **O resgate da fala autêntica:** uma aproximação filosófica da tarefa do psicoterapeuta e do educador. Campinas: Unicamp, 1988, 324 p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

CREMASCO, M. V. F. Algumas considerações de Merleau-Ponty para a psicologia em “Fenomenologia da percepção”. **Revista da Abordagem Gestáltica**, nº 15, p. 51-54, jan-jun, 2009.

FURLAN, Reinaldo; BOCCHI, J. C. O corpo como expressão e linguagem em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, Natal, vol. 8, nº 3, Sep/Dec. 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000300011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-294X2003000300011&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 12 mar. 2012.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª Ed. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **O homem e a comunicação a prosa do mundo**. Edições Bloch: Rio de Janeiro, 1974.

MOREIRA, Virgínea. O inconsciente no pensamento de Merleau-Ponty: contribuições para a psicoterapia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, v. 14, p. 110-121, março 2011.

MÜLLER, M. J. **Merleau-Ponty:** acerca da expressão. 1ª Ed. Porto Alegre: Edipucs, 2001.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Merleau-Ponty. Estilo.